

Os debates de “O vermelho e negro”, de Stendhal.

Daniel Eveling da Silva*.

RESUMO: Com a crescente renovação dos objetos e fontes da História, a interdisciplinaridade veio reforçar o campo de atuação dos estudos. Para essa comunicação busco a Literatura, visto abordar na obra “O vermelho e o negro”, de Stendhal, as construções sobre a época do literato. Para isso busco a representação, em passagens específicas, da forma de pensar e agir e dos debates políticos e culturais da sociedade francesa de inícios do século XIX. Tento demonstrar como um literato retratou em sua obra as problemáticas políticas e culturais que apareciam na França, em especial: os debates sobre a Aliança Trono-Altar, o restabelecimento de características do Antigo Regime e a formação do autor no período da Revolução Francesa e Império Napoleônico, influenciando assim sua obra. Creio que ao cruzarmos essas disciplinas o quadro irá se tornar mais amplo.

PALAVRAS CHAVE: Stendhal, Giro Lingüístico, O vermelho e o negro”.

ABSTRACT: With the growing renewal of the objects and sources of history, the interdisciplinary field is to enhance the performance of the studies. To that communication search the literature; aim addressed in the book "The red and black", Stendhal, the construction on the time of intellectual. For this search the representation, in particular passages, how to think and act and the cultural and political debates of French society of the early nineteenth century. I try to demonstrate how a intellectual portrayed in his work the political and cultural issues that appeared in France in particular: the debates on the Alliance Throne-Altar, the restoration of characteristics of the Old Regime and the formation of the author during the French Revolution and Napoleonic Empire, Thus influencing his work. I believe that these disciplines to insert between the table will become wider.

KEYWORDS: Stendhal, Linguistic turn, “The red and black”.

Estudos que aproximam a História e Literatura vêm sendo realizados há algum tempo, principalmente após a terceira geração da Escola dos Annales, pós anos de 1960 e 1970, do século XX, com a chamada *Nova História* houve a busca por novos objetos e fontes, o que levou a um impulso da história das mentalidades (Cf.: KORNIS, 1992).

* Mestrando em História pela Universidade Federal de Juiz de Fora, na linha “Narrativas, Imagens e Sociabilidades”. No desenvolvimento da sua pesquisa é orientado pela da Profª Drª Beatriz Helena Domingues.

As obras artísticas, de uma forma geral, nos ajudam a entender o que guiava a sociedade em determinado período, a partir dessa premissa a vertente do *Giro Lingüístico* (Cf.: PALTI, s.d), considera a Literatura uma das áreas mais complementares a História e que veio reforçar a compreensão do passado, pois

“qualquer testemunho histórico- o dito “literário” incluído- institui o real, é uma intervenção no real, não acontece em nenhum contexto fora dele. Cabe, sim investigar as redes de interlocução social pertinentes ao testemunho analisado, e isso sem adotar a ilusão de que os textos ou registros históricos que sobreviveram sobre um determinado passado ou processo histórico esgotam, em seus termos e intenções, tudo o que podemos saber sobre tal passado” (JESUS, 2006, p.11).

No Giro Lingüístico podemos notar escritos de forte sentido histórico em livros de romances, crônicas e contos que carregam as mudanças e singularidades no pensamento da sociedade como um todo, em determinado período. Afinal, como Phillip Sidney definiu, de uma forma geral, as profissões de Historiador e poeta são “nomes que damos a quem fale de um modo não absoluto do fato, mas levando em conta as qualidades e circunstâncias” (Apud GINZBURG, 2004: p.51). Dessa forma devemos notar a subjetividade, evitando cair em um “realismo ingênuo” (Cf.: KOSELLECK, 2006), que seria acreditar na imparcialidade, presente nos temas apresentados e propostos pelas duas áreas elencadas acima. Há ainda o fato de que com essa nova abordagem de unir disciplinas próximas nós podemos

“compreender as inúmeras veredas que, ao invés de separar História e Letras, nos unem: seja a partir da análise do processo histórico formalizado em obra artística, tornado elemento constitutivo da obra a parte indissociável de sua integridade; seja a leitura da obra artística mediante a compreensão do processo histórico, tanto aquele formalizado nela quanto aquele que gera” (MACIEL, 2005).

Visto a problemática que envolve o uso da Literatura como fonte da História busco na obra “O vermelho e o negro”, de Stendhal, características da sociedade em que foi escrito, entre os anos de 1827 e 1830. O período que o livro de Stendhal é escrito é um dos mais conturbados da história francesa, existiu em um curto espaço de tempo, uma média de trinta anos o republicanismo, o império e as guerras napoleônicas, a Restauração e conquista da Argélia. Sendo que o autor possuiu uma intensa participação na vida política da França devido ao seu trabalho de cônsul e no interior da organização do Estado francês.

Stendhal possui “uma incontestável condenação da sociedade da restauração” (WINOCK, p.211), pois em “Stendhal, sabemos, combinam- se a crítica do classicismo, com a da monarquia absoluta, a defesa do *romantismo*, com a liberdade política que ela comporta” (LEFORT, 1992: p.122).

Apesar de se manter em cargos do governo o autor de “O vermelho e o negro” não conseguia se enquadrar na sociedade que o cercava. Como executava cargos no governo francês acompanhava todos os processos políticos, econômicos e religiosos da França. Frequentava os salões da senhora Victor de Tracy, amante do Conde Molé (seu futuro protetor) e da Madame de Castellane. Pela divisão feita pelo próprio Stendhal esse seria o fim de sua fase de “escrever romances”, pois pela influência de Castellane consegue um cargo de Cônsul em Trieste e depois em Civitavecchia, na Áustria e na Itália, respectivamente.

Uma das primeiras características, de suma importância, para a obra analisada é o imaginário¹ (BACZKO, 1995) sobre Napoleão, pois Stendhal prestou exames de ingresso na Escola Politécnica de Paris e para que realizasse isso chegou no dia 11 de novembro de 1799, um dia após o golpe do 18 Brumário que colocou Bonaparte no poder, foi de extrema importância à chegada nesta data para que o autor de “O vermelho e o negro” nutrisse toda a admiração que permeia sua obra pela figura de tal líder (FURET e OUZUOF, 1989).

A virada do século XVIII para o XIX foi vista por ele como o período de seu primeiro serviço militar, trabalhou nessa época também no Ministério da Guerra, participando das campanhas napoleônicas na Itália, desse período proveio sua admiração por esse país. No final de 1801 volta a França e em seguida pediu seu desligamento do exército, porém continuou em serviços burocráticos.

Entre 1806 e 1814, conseguiu alcançar postos como Inspetor da Coroa, se aproximou de ministros e virou intendente. Depois da queda de Napoleão partiu para Milão e começou, como ele mesmo caracterizou, sua vida de escritor. Nessa primeira parte da vida de Stendhal o serviço para o Estado francês, sob o governo de Bonaparte se fez notório o que levou a uma forte presença de tal líder no imaginário de seus personagens, seja por uma profunda admiração, como Julien Sorel, protagonista de “O vermelho e o negro” ou por um repúdio a tal líder, como o Marquês de La Mole e o sr. de Rênal.

Quando do seu retorno de Milão Stendhal se tornou amigo de grandes liberais como Paul Louis Courier (WINOCK, 2006), que atacava em seus escritos principalmente a Aliança Trono-Altar², que consistiu na aproximação entre os membros do clero e a monarquia para que o povo fosse “re- dominado” mais facilmente, e defendia a liberdade de expressão.

¹ Na questão de imaginário social, adoto a perspectiva de Bronislaw Baczko que defende o ideário de um período atrelado diretamente as questões simbólicas e a coletividade de pessoas guardiãs desses princípios.

² A Aliança Trono Altar, já havia ocorrido na França por volta de 1680, coincidindo assim com a formação de um Estado Moderno. Cf. LADURIE, Emmanuel Le Roy. *Saint Simon ou o sistema da Corte*. Tradução de Sérgio Guimarães. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

Esses pontos de vista de Courier podem ser visto em “O vermelho e o negro” no capítulo intitulado *A discussão* (STENDHAL, 2004: p.378) no momento em que menciona que

“o trono, o altar e a nobreza podem perecer amanhã, senhores, enquanto não tiverdes criado em cada departamento uma força de quinhentos homens devotados ou entre a liberdade de imprensa e a nossa existência como fidalgos, há uma guerra de morte e ainda o exército não está organizado senão no interesse do trono altar” (Idem, p.385).

Assim percebo que surgiram as opiniões e pontos de vista de Courier e a crítica de Stendhal a tal fato, de forma bem sutil, o autor se inseriu com isso em uma das maiores discussões que acontecia na França do período. Pois como Winock nos alerta as obras jornalísticas e literária sofriam censura para que não atacassem o governo e membros que o apoiavam (WINOCK, Op. cit).

Um ponto que deve ser levado em conta também durante esses anos, de 1814 a 1830, e que foram marcados pelo fato de Stendhal ter se dedicado a escrever romances é o fato da França se encontrar no período da Restauração, que se caracterizava pela volta do Antigo Regime, com dinastia dos Bourbon no poder (Cf.: RÉMOND, 2002), lembrando que foi essa a família derrubada na Revolução Francesa-.

Após a queda de Napoleão, os Bourbon voltaram ao poder primeiro com o governo de Luis XVIII e depois com o reinado de Carlos X, que terminou em 1830, após o embate deste com a Câmara e o decreto por parte dele do fim da representatividade política, culmina assim no fim da dinastia Buorbônica (Cf.: WINOCK, Op.cit) e a ascensão de Luís Felipe, “duque de Orleães do ramo mais novo dos Bourbon, cuja família demonstrou patriotismo mesmo em 1789” (Idem, p.162).

A Revolução de Julho de 1830 findou o período da Restauração, pois as revoluções do século XIX são dirigidas contra a ordem estabelecida³ (Cf.: REMOND, op.cit.), no caso francês foi pela insatisfação da burguesia com os privilégios da aristocracia terem sido retomados. A própria sagração real e o toque régio para a cura das escrófulas foram “ressuscitados” no período do governo de Carlos X (Cf.: WINOCK, Op. cit e BLOCH, 1999) e exemplificam a volta dos padrões do Antigo Regime na sociedade francesa.

Apesar de Stendhal colocar que a obra estava preste a ser publicada em 1830, quando os acontecimentos de julho “vieram dar a todos os espíritos uma direção pouco favorável aos jogos da imaginação. Temos motivos para acreditar que as páginas seguintes foram escritas

³ A Revolução de Julho, pôde ser vista como contestatória do restabelecimento das regras do Antigo Regime que voltaram a valer na França do princípio do século XIX com o retorno da dinastia dos Bourbon ao poder.

5

em 1827” (STENDHAL, Op.cit: p.8) ele não revisou inteiramente a obra para ser lançada, fez apenas algumas inserções como, por exemplo: Louis Lablanche, amigo do autor, fez uma apresentação de canto em Paris no dia quatro de novembro de 1830 e foi retratado na figura do cantor Géronimo, podendo essa parte ter sido ditada na véspera para sua partida para Trieste (Cf.:GINZBURG, 2007) e no capítulo LXIV do livro II, a sr de Rênal foi aconselhada por uma amiga de partir para Saint- Cloud e lançar-se aos pés do rei Carlos X, para conseguir o perdão real (STENDHAL, Op.cit: p.504), vemos assim que foi mantida a escrita como a anterior a Revolução de Julho com seus “Três Gloriosos”⁴. Na passagem ressaltada com o pedido de perdão real notamos que contra a sentença de um julgamento, como no caso de Julien, sendo o réu condenado somente o poder real poderia lhe absolver (DAVIS, 2001)⁵. Sabemos que a obra foi idealizada em 1827⁶ em Marselha e o livro terminado até 1828, e a primeira edição saiu em finais de 1830 (STENDHAL, 1968).

O próprio título do livro também é alvo de discussões, sobre qual é o seu significado, a hipótese mais aceita e também expressada pelo autor é a de que o “vermelho” correspondia à carreira militar e o “negro” ao hábito eclesiástico. Pois como percebemos no decorrer do enredo são as carreiras que Julien aspira, em um primeiro momento para conseguir sua ascensão social (Cf.: LEVY, 1987) “Stendhal, pôs a nu o mal dos “filhos do século” que nasceram demasiado tarde para se tornar generais aos 36 anos e cedo demais para ver o fim de uma ordem social baseada na cruz e na força- a Congregação e a Magistratura” (WINOCK, Op.cit, p.210.), durante o período napoleônico a ascensão militar era realizada de acordo com as habilidades no trato para com as campanhas militares.

Nessa perspectiva Julien buscava algumas táticas⁷ para subir socialmente, podemos perceber que a carreira militar na qual o protagonista tentava se inserir pode ser o reflexo da melhoria de suas condições sociais e econômicas, devemos entretanto lembrar que com o

⁴ Essa expressão foi cunhada por Balzac ao se referir aos dias 27, 28 e 29 de Julho.

⁵ Cf: DAVIS, Natalie Zemon. *Histórias de Perdão e seus narradores na França do século XVI*. São Paulo: CIA das Letras, 2001. Como nos é retratado no livro de Davis após um réu ser condenado a morte na França a única forma dele obter o perdão pelo seu crime era caso o monarca concedesse a absolvição do crime. Apesar do livro de Natalie retratar o século XVI, essa norma ainda valia na França no período do reinado de Carlos X, pois os privilégios e regras do Antigo Regime foram re-estabelecidos. Davis relata essa forma de perdão real, em meados do período quinhentista, porém essa mesma forma de absolvição se mantinha no início do século XIX

⁶ Sabemos que desde 1827 a insatisfação popular contra a monarquia já tomava conta das ruas de Paris e adjacências, com gritos, ao rei passar a tropa em revista no Campo de Marte como: “Abaixo os jesuítas! Abaixo os ministros!”

⁷ Busco referenciar a noção de tática proposta por Michel de Certeau como sendo a “arte do pobre”, quando pessoas afastadas de um centro decisório, sejam econômico, político, social ou mesmo simbólico buscam formas de se enquadrarem e alcançarem seus objetivos. Cf.: CERTEAU, Michel. Fazer com: usos e táticas: In: _____. *A invenção do cotidiano*. Petrópolis, Vozes, 1994.

6

restabelecimento das características do Antigo Regime os altos cargos militares voltaram a ser privilégios da alta nobreza.

Os espaços eclesiásticos e de altas patentes militares, durante o período de Restauração Francesa voltaram a ser de prestígio e distinção social, visto isso compreendemos que à vontade de se tornar pertencente a um desses dois grupos constituiu parte do imaginário de uma geração francesa, cuja vontade era conseguir um melhor padrão de vida, seja nas fileiras dos exércitos napoleônicos ou através de uma igreja poderosa e consolidada (WINOCK, Op.cit)⁸. A carreira eclesiástica poderia ter propiciado a Julien um poderio na religião oficial do Estado uma vez que sob o reinado de Carlos X, a aliança entre o Trono e o Altar, a ação da Congregação, à volta de influência jesuítica cuja Companhia fora restabelecido em 1814, tudo associava o regime dos Bourbon a Igreja Católica⁹ (WINOCK, Op.cit). Afastadas do poder sobre o período revolucionário e depois no Império Napoleônico, com a Restauração as instituições da Igreja de Roma voltaram a possuir uma influência no governo francês.

História e Literatura são disciplinas próximas que vem a representar e nos mostrar como se deu determinado período, pela forma que o literato expõem seu pensamento nas obras. Podemos perceber como era o imaginário, idéias e críticas de determinados setores sociais e culturais. Nas linhas do romance de Stendhal se esboçava com muita força as formas de pensamento da sociedade da França, no início dos oitocentos.

Ao buscarmos romances, e os grandes textos da tradição literária (LACAPRA, s.d) para entendermos as circunstâncias que cercavam autor e obra podemos ver as formas de pensamento social, político e artístico que permeavam esses momentos, lógico que não devemos separar tempo e obra, pois isso seria o reducionismo apontado por LaCapra, a busca para a realização de trabalhos desse tipo deve contemplar um campo que cruze valores e interpretações diversas. Assim conseguiremos detalhes mais sólidos e um recorte maior.

A busca pela interdisciplinaridade está com portas abertas nesses últimos anos e poderá constituir um dos campos mais sólidos e vastos da História, pois temos que nos inserir em vários meandros para que consigamos ver essas novas fontes. Nesse breve artigo tentei

⁸ Apesar de se encontrar em um período que a aliança trono altar se encontrava estabelecida e forte, muito do antigo clero sofria pressões por parte da população, não conseguia assim o domínio de outrora, a nota de numero seis representa essa pressão..

⁹ A Congregação era uma associação fundada pelos jesuítas durante o Império e reunia membros laicos e eclesiásticos para reanimar na França a religião católica e a volta dos jesuítas foi tomada como símbolo do retorno de um governo baseado no Antigo Regime, restabelecendo os valores do período anterior a Revolução Francesa.

esboçar algumas referências ao período de vida desse literato, Napoleão, a queda desse líder e a Restauração dos valores do Antigo Regime com Carlos X.

BIBLIOGRAFIA.

- ABENSOUR, Miguel. Le Rouge et le Noir à l'ombre de 1793? In: _____. Critique de la politique. Paris: 2006, UNESCO. Disponível em: <http://unesdoc.unesco.org/images/0014/001460/146025fo.pdf> . Consultado em 16 de dezembro de 2006, às 21:03 min.
- BACZKO, Bronislaw. Imaginação Social. In: *Enciclopédia Einaudi*. V.5. Anthopos- Homem. Lisboa: Imprensa Nacional/ Casa da Moeda, 1985.
- BLOCH, Marc. *Os reis taumaturgos: o caráter sobrenatural do poder régio, França e Inglaterra*. São Paulo: Cia das Letras, 1999.
- CERTEAU, Michel. Fazer com: usos e táticas: In: _____. *A invenção do cotidiano*. Petrópolis, Vozes, 1994.
- DAVIS, Natalie Zemon. *Histórias de Perdão e seus narradores na França do século XVI*. São Paulo: CIA das Letras, 2001.
- FURET, François; OUZOUF, Mona. *Dicionário Crítico da Revolução Francesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989.
- GINZBURG, Carlo . *Nenhuma ilha é uma ilha: quatro visões da literatura inglesa*. São Paulo: Cia das Letras, 2004.
- _____. *O fio e os rastros: verdadeiro, falso, fictício*. São Paulo: Cia das Letras, 2007.
- JESUS, Ronaldo Pereira de. Sidney Chaloub em entrevista. In: FERNANDES, Cássio da Silva.. *Locus: História da Historiografia e Teoria da História*. Juiz de Fora, n°22, 2006.
- KOSELLECK, Reinhart. *Futuro Passado: Contribuição à Semântica dos Tempos Históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto; Ed. PUC-Rio, 2006.
- LADURIE, Emmanuel Le Roy. *Saint Simon ou o sistema da Corte*. Tradução de Sérgio Guimarães. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.
- LEFORT, Claude. O "sentido histórico": Stendhal e Nietzsche. In: NOVAES, Adauto (org). *Tempo e História*. São Paulo: Cia da Letras, 1992.
- LEVY, Ann - Deborah. *10 textes expliqués, Le Rouge et le Noir: Stendhal*. Paris: Hatier, 1987.
- MACIEL, Diógenes André Vieira. Dossiê Homenagem a Jorge Andrade - 50 anos d' A Moratória; encruzilhada da Literatura e d História. In: *Fênix: Revista de História e Estudos Culturais*. Outubro/Novembro/Dezembro de 2005. Vol. 2. ano II. N° 4. Disponível em: www.revistafenix.pro.br .
- PALTI, Elías José. *Giro Lingüístico e história intelectual*. Buenos Aires: Universidad Nacional de Quilmes
- RÉMOND, René. *O século XIX 1815-1914: Introdução à história do nosso tempo*. 8 ed. Frederico Pessoa de Barros (trad): São Paulo: Cultrix, 2002.
- STENDHAL [Henry Beyle]. *Le rouge et le noir*. PRÉVOST, Jean; RENARD, Colette (orgs). Paris: Didier, 1968.
- _____. [Henry Beyle]. *O vermelho e o negro*. Paulo Neves (trad). Porto Alegre. L& PM Pocket, 2004..

8

WINOCK, Michel. *As Vozes da Liberdade*. Elóia Jacobina (trad).. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.